



REVISTA SELEÇÕES: MITOS E SENSACIONALISMO

Roberto Ramos¹

Resumo: A Revista Seleções, desde 1922, possui um padrão editorial específico. Tem contribuído, com uma especificidade jornalística. Foi uma das primeiras revista a possuir uma circulação internacional. Credencia-se, como uma referência no Jornalismo impresso. Por isso, a estudamos em dez edições, procurando compreender a sua produção de sentido, através da Semiologia, de Roland Barthes, e de suas possibilidades transdisciplinares.

Palavras-chave: Revista; Mito; Sensacionalismo.

Abstract: Selections Magazine since 1922, has a specific editorial. Has contributed to a specificity journalism. It was one of the first magazine to have an international circulation. Become certified as a reference in the printed newspaper. Therefore, the study on ten issues, seeking to understand their production of meaning through semiotics, Roland Barthes, trans and its possibilities.

Keywords: Journal; Myth; Sensationalism.

¹ Autor: Professor Ph.D, dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da FAMECOS - PUCRS. Livros publicados: O Âncora e o Neoliberalismo: A Privatização do Sentido, Futebol: Ideologia do Poder, Gráficos na Globo, Manipulação & Controle da Opinião Pública, A Máquina Capitalista e A Ideologia da Escolinha do Professor Raimundo. E-mail: rr@puers.br

Introdução

O surgimento e o desenvolvimento do meio Revista, ao longo da história, podem estar conectado com a expansão das atividades econômicas. Trata-se de um investimento, que exige a presença de um grande suporte financeiro, devido aos custos e recursos necessários.

A pioneira foi a Revista alemã, *Erbauliche Monats-Unterredungen* (ou Edificantes Discussões Mentais) em 1663. Tinha um estilo muito próximo de um livro. Trazia artigos sobre um assunto: Teologia. Estava voltada, para um público específico, com uma periodicidade (Scalzo, 2009).

Na França, em 1672, surgiu *Le Mercure Galant*. Possuía notícias curtas, anedotas e poesia. Posteriormente, em 1731, na Inglaterra, houve a publicação de *The Gentleman's Magazine*. Já se aproximava mais do conceito de Revista, que dispomos na contemporaneidade (Ibidem).

Scalzo (Ibidem, p. 19-20) evidencia que a revista inglesa tinha uma inspiração. Eram os grandes magazines – “lojas que vendiam um pouco de tudo – reunia vários assuntos e os apresentava, de forma leve e agradável. O termo magazine, a partir de então, passa a servir, para designar revistas em inglês e em francês”.

A Revista Seleções pode ser um bom exemplo da Globalização, através da Mídia no século XX. Circula, desde 1922, nos Estados Unidos. É publicada em 35 idiomas em 120 países. Traduz os seus objetivos editoriais, através da “intenção de educar e estimular a leitura”. <http://p.wikipédia.org/wiki/Revista-Seleções>, 17 de outubro de 2009, p. 1, 16h.

Apresenta um padrão editorial, que se manteve no século XX e persiste no século XXI. Traz o comportamento humano e as conquistas científicas em matérias, que primam pela Objetividade jornalística, pela leveza e pelo sentido de concisão.

A sua linha editorial parece não abrir mão da Objetividade jornalística. Pode vender uma imagem de seriedade, até avessa a qualquer cogitação de prática sensacionalista. Denota uma seriedade jornalística, que é exemplar para muitos.

Oferece uma pluralidade de possibilidades de estudo. É um objeto relevante, em seus diferentes vértices. O caráter metonímico da Ciência requer delimitações. As características discursivas e as questões sensacionalistas são pertinentes. Possuem relevância, para fixar a importância da revista, em sua essência complexa.

A Mídia impressa, sobretudo, as revistas, no Brasil, apresenta um desenvolvimento gradual a partir do século XIX. Encontra algumas dificuldades contextuais, manifestas sob o formato de uma economia dependente, escravagista e sustentada pelo analfabetismo.

Por ser um empreendimento, com alto custo, e dependente de uma economia estável, a Revista é um meio um tanto tardio. A pioneira foi *As Variedades*, surgida e desaparecida, em 1812, ainda, no período colonial. Dedicava-se aos estudos de Literatura.

O meio granjeará consolidação, em sua singularidade discursiva, no século XX. A *Kósmos* foi criada em 1904, como revista cultural. Ajudou a estabelecer um padrão editorial. O discurso jornalístico começava a se desenhar, por intermédio da importância crescente da Reportagem.

Nas páginas da *Kósmos*, João do Rio, pseudônimo jornalístico de Paulo Barreto, foi um dos primeiros a buscar a notícia nas ruas. “Não havia, por exemplo, preocupação com a objetividade. Mas a narrativa trazia já um indispensável ingrediente do gênero, a fiel observação da realidade, além da disposição do autor de contar o Brasil aos brasileiros” (S. A., 2000, p. 41).

O surgimento e o desenvolvimento da Revista, ao longo da história, parece estarem conectados com a expansão das atividades econômicas. Trata-se de um investimento, que exige a presença de um grande suporte financeiro, devido aos custos e recursos necessários.

A Revista, no Brasil, adquiriu um conceito e um estilo próprio ao longo do século XX. Notabilizou-se, com uma perspectiva midiática, após a Proclamação da República. Parece ser fruto do aprofundamento das relações capitalistas de produção e dos regimes democráticos.

A *Seleções* foi fundada por Dewitt Wallace, nos Estados Unidos. O seu perfil possui traço marcante. É o objetivo, quase sacralizado em mandamento editorial, da concisão. Wallace (1999 c, p. 17) nutria uma concepção editorial sobre o papel da revista:

(...) As pessoas, muito ocupadas, mas ávidas de saber, reservariam um bom acolhimento a um serviço da escola de leituras, que pusesse à disposição delas o melhor, mais útil e mais agradável de quanto fosse, aparecendo impresso, e que, sem o veículo dum tal serviço, ficaria talvez, fora de seu alcance. Mas não bastaria a simples seleção: seria, muitas vezes, preciso fazer a condensação do material. A leitura, mais excelente, redonda, com frequência, em tarefa, devido ao peso morto dos excessos verbais (...).

Ele (Ibidem, p. 18) redigiu uma carta-circular, em Nova Iorque, em “julho de 1921”, apresentando a revista. Pedia, ainda, as assinaturas, aceitas, sem pagamento prévio. No ano seguinte, enviaram os primeiros cinco mil exemplares aos assinantes-fundadores. A expansão foi gradativa. A edição, em espanhol, ocorreu em 1940. A portuguesa aconteceu em 1942. Tornou-se, com apenas cinco números publicados, uma das “revistas mais populares do Brasil” (Ibidem, p. 21).

119

O editor-chefe de *Seleções*, no Brasil, Sérgio Charlab (2000, p. 1) ressalta o objetivo fundamental: “A principal diretriz de nossa revista é o constante destaque, dado ao poder de cada indivíduo. Mostramos que as maiores conquistas e ideias do homem, sua fé, coragem e esperança, muitas vezes, surpreendente, podem ser notadas na conduta de pessoas comuns. Refletimos o ceticismo universal quanto a esperar que o governo resolva nossos problemas. Proclamamos a inesgotável promessa, implícita na autodeterminação e na iniciativa individual. Os leitores confiam em nós quanto à veracidade e precisão de fatos, quanto à lógica e ao bom senso”.

A questão da valorização do indivíduo alude uma das teses básicas do Neoliberalismo. É compatível, nesse sentido, nos interrogarmos a respeito do engajamento ideológico de *Seleções*. Pode ser uma alusão pertinente, com tons de verossimilhança.

Charlab (Ibidem) responde, com frequência, à pergunta: “Qual, a fórmula de sucesso de *Seleções*?”. “Ora, nossas histórias vêm do dom da experiência humana,

árdua, comovente e divertida. Estamos na vanguarda dos principais assuntos na medicina, saúde, meio ambiente, direitos humanos. Levamos os leitores além das manchetes, até a causa e o significado dos acontecimentos mundiais é essa voz clara — nunca persuadindo, sempre mostrando os frutos — que faz com que os leitores nos diferenciem de qualquer outra revista”.

O editor-chefe, em seu repertório de idealidade, revela uma singularidade. Não faz distinção entre o fato e a representação discursiva. Tal ritual busca se desenredar da postura ideológica, por intermédio da Denegação. O clamor pela Objetividade jornalística, em nome de uma pretensa “Neutralidade”, é sintomática. Indica uma forma de conceber o conhecimento pelas medidas e desmedidas do Positivismo, projetadas na questão jornalística.

A conjugação do Positivismo com o Neoliberalismo se encontra estabelecida. Sublinha a pertinência de questionarmos a revista, por intermédio de suas posturas ideológicas, relacionadas, precocemente, com a Globalização, bem como com a hegemonia do modo de produção capitalista.

No Brasil, atualmente, *Seleções* mantém-se importante. Possui uma circulação aproximada de 403.982 mil exemplares, ocupando a quarta colocação entre as revistas na contemporaneidade. O que representa em torno de um milhão 500 mil leitores, dos quais 64% pertencem às classes A e B, sendo que 48% têm curso superior completo (<http://mais.selecoes.com.br/publicidade-circulacao-darevista.asp>), 14 de outubro de 2010, 9 h, p. 1).

Foram estudadas dez edições de *Seleções*, de dezembro de 1999 a setembro de 2000, respectivamente, “Milênio de quem?”, “Perdidos no Atlântico”, “O Segredo de Mirou Streep”, “Plantão médico de animais”, “Decisão de Super-homem”, “Além das Lágrimas”, “Resgate no topo do Mundo”, “Três minutos de Vida” e “Não vou desistir”. Ainda, de 2010, “Você é normal ou louco?” Em cada edição, contemplamos os discursos da capa e priorizamos a sua matéria mais importante. Consideramos a produção de sentido em níveis verbal e não-verbal.

Parte Discursiva

A matéria jornalística, “Você é normal ou louco?” é assinada por Jancee Dunn. Constitui-se por oito perguntas, feitas por leitores sobre os seus hábitos, manias e esquisitices. São respondidas por especialistas, considerando as possibilidades de normalidade ou loucura.

Podemos identificar quatro discursos: 1- De quem assina a matéria; 2- Dos leitores; 3- Dos médicos. Todos se singularizam pelo nível verbal. O 4- são ilustrações, ao todo três, referentes aos casos apresentados.

O discurso de Dunn apresenta algumas características básicas. Agencia-se pela 1º pessoa do plural. Caracteriza-se como “artigo” – matéria jornalística, particularizada pela opinião e pelo juízo de valor. Integra o Gênero do Jornalismo Opinativo.

A utilização da 1º pessoas do plural se sustenta em um nível de pertinência. Procura abranger as características humanas das pessoas. Parece estabelecer uma perspectiva horizontal. O Eu se funda no Outro. Assim sendo, somos, ao mesmo tempo, singulares e plurais.

A autorreferência “artigo” pode ser compreendida pela singularização do “Nós” e pela sua melhor aderência com a opinião e o juízo de valor. Pode, ainda, simbolizar a pluralidade de discursos, habitando o mesmo discurso.

Os discursos dos leitores possuem uma fonte essencial. É o lastro do Empirismo. À primeira vista, os seus sentidos se manifestam pela Linguagem Objeto. Referem o que vive e o vivido. Ainda assim, a Linguagem Objeto é purificada pelo sentido da Objetividade Jornalística.

Os discursos dos médicos se aprofundam, hegemonicamente, na Linguagem Imagem. Referem sentidos sobre – vivido pelo outro – no caso, o leitor. Ainda que isso, também, tenha o empirismo de sua prática médica, a abstração parece prevalecer, estabelecendo a abordagem.

Os discursos das ilustrações estão comprometidos com o nível não verbal. Enfatizam três casos: O Medo de Avião, a dificuldade de colocação dos pés no chão e o vício de assistir à Televisão. Tais destaques podem torná-los mais interessantes. Sublinham os sentidos de suas respectivas relevâncias, fazendo juízo de valor em relação aos demais.

As interações discursivas entre leitores e médicos são mediadas pela revista. Ocorrem e se desenvolvem sob o signo da Autoajuda, com caráter público e massivo. O crescimento da autoajuda, em parceria com a mídia, iniciou no século XX. Parece ter um posto essencial. É o individualismo, endereço e terra natal dos conflitos humanos. As questões sociais e históricas são inexistentes. É a Ideologia do Neoliberalismo em cena.

Os discursos dos leitores e dos médicos se preenchem por um sentido único e totalitário do tempo. É o presente, destituídos de antecedentes. Não possui passado e nem contexto social e histórico. Materializa o mito da omissão da história, conforme Barthes (1993).

122

O título da matéria jornalística, “Você é normal ou louco?”, traz uma interrogação, de espessura indutiva. Exercita-se, lineamente, pelo maniqueísmo: normalidade ou loucura, como possibilidades excludentes.

O maniqueísmo se articula com as presenças dos estereótipos - palavras e imagens repetidas -, de acordo com Barthes (s.d.). Ambos são redutores. Simplificam e superficializam a condição humana.

A antítese, “normal” ou “louco”, abriga um conflito absolutizado, sem raízes nas complexidades históricas e subjetivas. Encena um *Fait Divers* – a informação sensacionalista (Barthes, 1971). Especifica-se, no caso, através da coincidência.

O sujeito humano nas mãos do maniqueísmo, do mito, dos estereótipos e do *Fait Divers*, não está desamparado. Pode ser salvo, via autoajuda, como prática da ideologia do neoliberalismo, pronunciada pela mídia e pela medicina em dueto.

Todo Discursivo

A primeira matéria, de dezembro de 1999, “*Milênio de quem?*”, de Paul Johnson, é um artigo. Revelou-se, como uma manifestação do Gênero Opinativo. As demais foram Reportagens, com diferentes estilos, mas pertencentes ao Gênero Interpretativo.

Os discursos, em suas diversidades, apresentaram uma unidade. Foram organizados em ordem cronológica. Obedeceram ao desenvolvimento dos fatos em sua originalidade. Caracterizaram-se pela estrutura da Pirâmide Normal (relato, que preserva a ordem cronológica). Oferece uma leitura mais lenta, mas oportuniza a preservação, a princípio, da contextualidade. Mobiliza as abordagens, próprias do Gênero Interpretativo, cultivados pelas revistas.

Não lhes faltam Estereótipos nas suas produções de sentido. Parecem possuírem alguns alvos específicos. Os Estados Unidos, a Mídia e a Medicina são consideradas referências a serem seguidas e perseguidas. Os países comunistas, todavia, representam os maus exemplos, que devem ser banidos.

Os Estados Unidos, apesar de *Seleções* circular em diferentes países, é o seu berço natal. Mantém os seus elos e vértices, com cumplicidade, com o Imaginário norte-americano. Muitas de suas reportagens têm, nos Estados Unidos, o seu cenário. Dele, são extraídos os seus personagens, em grande maioria. Há toda uma apropriação imaginária do mundo, por intermédio das lentes americanas.

Se não for os Estados Unidos, talvez, seja qualquer outro país, de extração capitalista. De preferência, deve ser de primeiro-mundo, porquanto, na visão de *Seleções*, só existe o primeiro-mundo, sendo capitalista. Quando a abordagem do espaço parece contrariar tal tendência, ocorre o seu endossamento. Quando um país terceiro-mundista, como o Nepal, se torna referência espacial, o enfoque não se perdeu de seu objetivo legitimador. É, para mostrar, sem demonstrar, o atraso ou os perfis das vítimas do Comunismo.

A insígnia do mal comunista possui um nome e uma geografia conhecida. É a China, que não respeita as liberdades individuais, em sua manifestação de religiosidade. Torna-se a personificação de Tánatos, pois o Eros é o Capitalismo. A absolutização da consciência não é fortuita, nem gratuita. É a forma de obter a dominação ideológica. A servidão se faz, exatamente, onde os sujeitos se têm como donos do nariz de suas liberdades. Fala-se em liberdade, em nome da servidão.

A expressão Guerra Fria precisa ser pronunciada, com muito cuidado. Não deve ser apenas um nome, para designar as disputas entre os Estados Unidos e a então União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. O seu sentido, em sua Verossimilhança, é bem mais amplo. Em um sentido histórico, mais complexo, os Estados Unidos possuem uma invariância. Não deixaram de ter, em diferentes situações históricas, um inimigo público, externo, um arquétipo de um algoz. Apenas mudaram os seus nomes.

A União Soviética já sincretizou tal papel de vilão. Após a sua extinção, o arquétipo não foi extinto. Demonizou o Iraque na década de 90. Depois, em 11 de setembro de 2001, se tornou Bin Laden, como ícone do terrorismo, que derrubou as torres gêmeas. Converteu, também, o Afeganistão, o Iraque e, agora, parece ser a vez do Irã.

Os Estados Unidos possuem um exemplar mecanismo de defesa. Projetam, sempre no Outro, tido como inimigo, a sua desmedida paranóia. No fundo, há nisso uma lógica. Eles têm a certeza que são super-heróis e invencíveis apenas na ficção dos quadrinhos, no Cinema e nas páginas de *Seleções*.

O desenvolvimento da Medicina é uma ode invariante. Ocorre tanto para o salvamento de vidas humanas, como, também, vale para a salvação da vida animal. O seu progresso é um argumento, marcado pela constância. Possui razão de ser. Representa uma conquista da sociedade capitalista consequente. Materializa o Bem Comum, como rótulo, assumido, com ênfase, pelas simbolizações neoliberais.

Outro Estereótipo soa, também, como um autoelogio. É dedicado à Mídia, um significativo básico na Semiologia do real. Institui-se, como um organismo singular, cujas influências culturais e ideológicas estão a exigir complexas reflexões. A

Complexidade midiática adquire ares de inocência. É reduzida à linearidade, costurada por um elenco de legitimações, que beiram a mais profunda superficialidade.

A Mídia é a organização, própria dos regimes democráticos. Garante a transparência social, através da informação, como combustível da máquina social contemporânea. Reveste-se da mais pura neutralidade. Não possui preferências ideológicas. Paira sobre o bem e o mal, como um Superego social, que a todos denuncia, sem poder ser denunciada. São os seus traços divinais.

Pode não haver dúvida de que a Mídia detém o monopólio da Neutralidade. Apenas informa o que acontece. Em seus espaços impressos e eletrônicos, existe democracia, porquanto se elogia e se critica. Ainda, concede, com exagerada benevolência sacrossanta o Direito de Resposta.

O Mito da Omissão da História é invariante. A hegemonia dos Estados Unidos, da Medicina e da Mídia ganha expressão, como se tivesse nascida por geração espontânea. Não possui um passado e um contexto de relações capitalistas de Poder.

Tais enunciados, em suas respectivas particularidades discursivas, apresentaram a importância da Antítese e da Repetição. Barthes (2000, p. 95) dimensiona o papel da Antítese:

(...) Vê-se, assim, que a Antítese não é apenas uma figura enfática, isto é, em suma, um simples cenário do pensamento; é, provavelmente, outra coisa a mais; um jeito de fazer surgir o sentido de uma oposição de termos: e, como sabemos pelas explorações recentes da linguística que é esse o procedimento fundamental da significação (...), assim, a Antítese se tornou uma 'ponta', isto é, o espetáculo mesmo do sentido.

O semiólogo (Ibidem, p. 94) acrescenta:

O que é uma 'ponta'? É, se quiser assim, a máxima erigida em espetáculo; como todo espetáculo, este visa a um prazer (herdado de toda uma preciosista, cuja história já foi escrita); mas o mais interessante é que, como todo espetáculo também, mas com engenhosidade infinitamente maior, pois que se trata de linguagem e não de espaço, a 'ponta' é uma forma de ruptura: tende sempre a fechar o pensamento, com uma apoteose, com esse momento frágil em que o verbo se cala, resvala, ao mesmo tempo, no silêncio e no aplauso.

Maffesoli (Ibidem, 1988, p. 134) assinala a sua importância, nomeando-a, como “Estrutura oximorônica”. Ele enfatiza, ainda, a sua tessitura transdisciplinar:

O paradoxo, em Max Weber, o conceito de anomia, em E. Durkheim, a dicotomia resíduo/derivação, em V. Pareto, a disfunção sociocultural, que dá destaque Lévy-Strauss, talvez mesmo os ‘deslocamentos’ ou a condensação, de S. Freud, tudo isso, como bem diz Gilbert Durand, é uma maneira de reconhecer a ‘ambiguidade fecunda’, que se acha na base de todo o processo civilizacional (...)

Além da Antítese, Barthes (Ibidem, p. 96), também, considera a Repetição, como uma “ponta”. Ele sublinha que alternar é um dos procedimentos da “ponta. “O outro, que lhe é, muitas vezes, complementar, embora oposto, consiste em repetir”. A Antítese e a Repetição, como “pontas”, são espetáculos imaginários. Interpelam pelo sentido de ruptura e de fechamento. São apoteóticas, eis os seus perfis sensacionais. Constituem-se, em geral, como expressões do *Fait Divers* de Coincidência.

Ambas rompem com a noção de história. Estão fechadas em um circuito metafísico. Decodificam o histórico, à luz do ahistórico, por intermédio de um Sujeito Absoluto – a Fatalidade. Eis o espelho de sua apoteose. O Poder leva o sujeito relativo, sem muita dificuldade, a se reconhecer na apoteose do *Fait Divers*. Ali, o conflito é exposto em pele e osso, e resolvido ao melhor sabor do pensamento mágico.

126

Barthes (Ibidem, 1988, p. 295) faz um resgate de sua etimologia, encontrando-a, na Grécia, como “Maché”. Ele oferece pormenorizações:

Em grego, Maché quer dizer combate, a batalha, o duelo, a luta num concurso (...). Havia um sentido mais penetrante: ‘Contradição nos termos’, quer dizer armadilha lógica, *double bind*, origem das psicoses (...) A linguagem é o campo de *Maché: pugna verborum*

O sujeito relativo, no caso o leitor de *Seleções*, pode se identificar, projetivamente, com os conflitos publicados, com solução imediata. Os seus conflitos inconscientes se transformam em conscientes na pele do Outro — os respectivos personagens. O Eu e o Outro podem se desembaraçar de suas responsabilidades históricas. Não possuem culpa nenhuma. São desculpados pelo Sujeito Absoluto. A Fatalidade é a explicação única e onisciente para todas as explicações e, inclusive, para o inexplicável.

O bônus pode ser a Denegação da história objetiva e subjetiva. É possível regredir, engatinhando, em marcha-ré, ao Narcisismo Primário. É a fábula de Adão e Eva no paraíso midiático da primeira infância, sem serpente e sem maçã. O Sujeito, em *Seleções*, tem uma âncora segura. É regressivo. Desfruta da condição de adulto, quando lhe interessa; e veste-se de fraldas, quando não é do seu interesse, em nome do Pai Maior — a Fatalidade.

Considerações Finais

A Cultura de *Seleções* parece se abastecer de duas categorias básicas. Procura afirmar-se confirmar-se na concepção de Neutralidade. Conjuga, ao mesmo tempo, um apego à Objetividade. Tais empreendimentos se complementam e têm uma lógica epistemológica.

A revista pretende ser neutra. Julga-se acima de duelos políticos. Não tem comprometimentos ideológicos. Somente está a serviço da informação objetiva e do entretenimento sadio, para a produção do excelso Bem Comum. É a revista, que, na sua discursividade jornalística, carrega a invariância do *Fait Divers*. Configura-se a sua interpelação sensacionalista, que se reproduz nos mais diferentes Gêneros Jornalísticos.

Tal afirmação pode ser lida, como a fisionomia do exagero. É uma generalização, de pouco zelo científico, que busca atacar um paradigma do Jornalismo mundial. Então, por que a necessidade de ser neutra? A Neutralidade parece ser um mecanismo de defesa. Apresenta um vértice. É a necessidade de escamotear o seu teor histórico e o seu comprometimento com o Sensacionalismo. A informação é uma mercadoria, agenciada pelo Valor de Troca, produzida por uma empresa capitalista.

A Objetividade e a Neutralidade parecem sinalizar a presença de uma Cultura. É a do Positivismo, de Augusto Comte (1973), surgida no século XIX. Antagonizou-se com o saber religioso, metafísico e da Doxa. Autodenominou-se “como verdadeiro espírito científico”. Procurou fixar a lógica das Ciências Exatas, especialmente, a Matemática, para comprovar, via Pesquisa Quantitativa, a comprovação das suas práticas de Conhecimento.

A *Seleções* é cuidadosa. O seu conceito de Sujeito é muito especial. Move-se pelos cordéis da consciência, que lhe dita os passos, os compassos e os tropeços existenciais. É uma subjetividade, nutrida pelo Imaginário. Exporta-se, como um alguém perfeito, articulado pela razão, equilibrada com a emoção. Os seus problemas são apenas externos: a natureza, quando lhe é hostil, a saúde, em risco, como ícone da morte, e os regimes comunistas, castradores das liberdades individuais.

O Sujeito possui algumas características bem particulares. Tem, na consciência, o seu reino, que determina as suas práticas. É pré-psicanalítico. Apresenta o figurino da subjetividade burguesa. A sua ilusão está associada à absolutização da consciência. É processo de reprodução dos valores burgueses.

Através da consciência, como um paradigma determinante, a *Seleções* informa o mundo, de acordo com as suas conveniências ideológicas. A sociedade capitalista é dada como o modelo real e, ao mesmo tempo ideal. Significa o cenário perfeito, banhado pelas águas da harmonia.

O Inconsciente habita a Significância. Não é nomeado. Não merece referência denotativa. É, todavia, o terceiro sentido, conforme Barthes (Ibidem, 1990). A Significância se particulariza, com características bem determinadas. Possui onipresença. É obsessiva. Podemos particularizá-la como um sentido histórico.

Assim sendo, o Código do Socioleto abrangeu três níveis de sentido. Foram o de Comunicação, o de Significação e o do Significante. O Nível de Comunicação agregou e congregou os discursos verbal e não verbal, que se articularam de forma complementar.

Houve uma Linguagem Imagem, que distanciou o objeto do sujeito. Utilizou a Função Referencial nos Gêneros Interpretativo, como uma generalidade, e o Opinativo, como uma exceção. Foi agenciada por uma Cultura positivista, que contemplou a Objetividade e a Neutralidade.

Singularizou-se pela perspectiva de um Discurso Encrático. Existiu a afirmação do modo de produção capitalista, através da valorização do individualismo. Defendeu o modelo norte-americano, como uma sucursal da perfeição. A Mídia e a Medicina foram

vendidas como progressos, que estão a serviço do bem comum. A hegemonia capitalista foi produzida e reproduzida.

O Nível de Significação procurou empreender o diálogo entre o verbal e o não-verbal. Ocorreu a valorização da importância das Cores. Elas não foram aleatórias. Estiveram a serviço da revelação e da complementação do sentido em suas possibilidades de simbolização.

As fotografias, através do *Studium* e do *Punctum*, apresentaram um zelo rigoroso. Desenvolveram performances de imagens, que dialogam com a abordagem dos temas. Possuíram uma duplicidade recíproca com a palavra escrita. Ancoraram e foram ancoradas por elas em uma simbiose pertinente.

O Nível do Significante trouxeram algumas evidências básicas. Os Estereótipos, os Mitos, as Personagens Dramáticas, as Repetições e as Antíteses foram hegemônicos. Estiveram no curso e no recurso dos discursos. Abrangeram o verbal e o não-verbal.

Os Estereótipos se particularizaram, com algumas características. Foram palavras e imagens fixas. Notabilizaram, em geral, um olhar maniqueísta. Pronunciaram a perspectiva dos extremos. Dissociaram. Colocaram, de um lado, o bem, o Capitalismo, e de outro, o mal, o comunismo, como se respirássemos, ainda, os odores da guerra fria.

Os Mitos de Omissão da História revelaram as informações, transmitidas, com a repressão dos devidos contextos históricos. Existiu um privilegiamento de fatos históricos, sem levar em conta as suas bases de tempo e de espaço, sem contemplar o seu entorno, o seu contexto.

As Personagens Dramáticas materializaram o *Fait Divers* de Causa Normal. As Antíteses e Repetições concretizaram o *Fait Divers* de Coincidência. Os dois tipos de *Fait Divers* foram contemplados em diferentes instâncias das enunciações discursivas da revista.

Os significantes hegemônicos colocaram, em cena, outra realidade. Foi a Significância, conceito, criado por Kristeva (2005 c), para referir a autonomia do

significante em produzir o sentido, a par do significado. Barthes (Ibidem, 1988 d) o designou como o implícito.

Os Estereótipos, os Mitos, as Personagens Dramáticas, as Antíteses e as Repetições não se encontraram isolados. Estiveram relacionados. Dialogaram. Gerenciaram a Significância, que pode ser singular e, ao mesmo tempo, se caracterizar pela sua pluralidade.

Foi singular, porquanto trouxe o sentido da interpelação do Sensacionalismo. Também, pudera, assumir uma pluralidade, por intermédio de seus sentidos dramáticos e trágicos, que trouxeram mais do que a aparência de conteúdos circunstâncias. Pareceram estabelecer formas de conflitos atemporais.

Logo, também, foi plural e vaga. As suas formas de conflitos dramáticos e trágicos puderam se multiplicar infinitamente. Pareceram ir além do conteúdo específico. Dialogaram com diferentes temas, enredos e histórias reprimidos. Pareceram se identificar, projetiva e, introjetivamente, com os desejos do Inconsciente.

Referências

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Ensaaios críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *O óbvio e o obtuso*. 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Aula*. 7ª Ed.. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *Mitologias*. 9ª Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- S. A.. *A Revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo em Revista*. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- WILLCOX, Christopher apud DURÁN, Cristina. *Editor de 'Seleções' comemora sucesso no Brasil*. Estado de São Paulo, São Paulo, Caderno 2, s. n.º., página 4, 6 de maio de 1999.

Outras Fontes

131

- CHARLAB, Sérgio. *Por que Seleções?* Revista Seleções. São Paulo, ano 56, s. n.º, agosto de 2000, p. 2.
- SELEÇÕES, (<http://p.wikipédia.org/wiki/Revista-Seleções>, 17 de outubro de 2009 b, p. 1, 16h.
- _____, <http://mais.selecoes.com.br/publicidade-circulacao-darevista.asp>. 14 de outubro de 2010 a, 9h, p. 1